

EDITORIAL

Edição Especial: Mitologia e Religião Celta e Germânica

Prof. Dr. João Lupi e Prof. Dr. Johnni Langer
Departamento de Filosofia/UFSC Departamento de História/UNC
lupi@cfh.ufsc.br johnnilanger@yahoo.com.br

“Em geral, o mito é oral e recusa a palavra escrita, e isso ocorreu muito mais nos mitos celtas que nos mitos cristãos; mas sua permanência no espírito da sociedade tornou necessário que os cristãos os utilizassem e transformassem a seu proveito. Essa transformação teve de ser a menor possível para que os povos celtas continuassem a reencontrar-se em uma tradição viva”. Paul Verdier, *Mitos celtas*, 1997.

“(…) o ‘teutão’ cristaliza as hostilidades em larvas dirigidas instintivamente contra o inimigo hereditário que não podemos dispensar, pois ele também se acha à altura de nossos terrores secretamente cultivados, de nossas carências: nele queremos ver a ordem cega, a disciplina de ferro, toda essa profundeza obscura, semi-solar, semi-sexual, masculinista que sem sombra de dúvida e com a maior soberba despreza as taras evidentes de que sofre, com graus diversos de lucidez, nosso inconsciente coletivo, e que sentimos por trás da suástica”. Régis Boyer, *Mitos germânicos*, 1997.

No dia 9 de julho de 1999 durante o encontro da ABREM na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, alguns medievalistas conversaram sobre criação de um grupo de estudos celtas. Havia carência de estudos acadêmicos em nosso país sobre a temática das culturas da Europa pré-cristã, apesar de vasta bibliografia esotérica traduzida para o português. O grupo acabou sendo formado e além disso, começou também a estudar os povos germanos. Nestes 5 anos de existência, o grupo Brathair criou uma revista virtual, formou pesquisadores especializados e prepara-se para realizar o seu primeiro simpósio nacional. Ainda é algo modesto, comparado com a estrutura que estes estudos possuem na Europa, mas com certeza é um trabalho honesto no sentido de qualificar o campo de um saber que cada vez mais torna-se extremamente importante em nosso país.

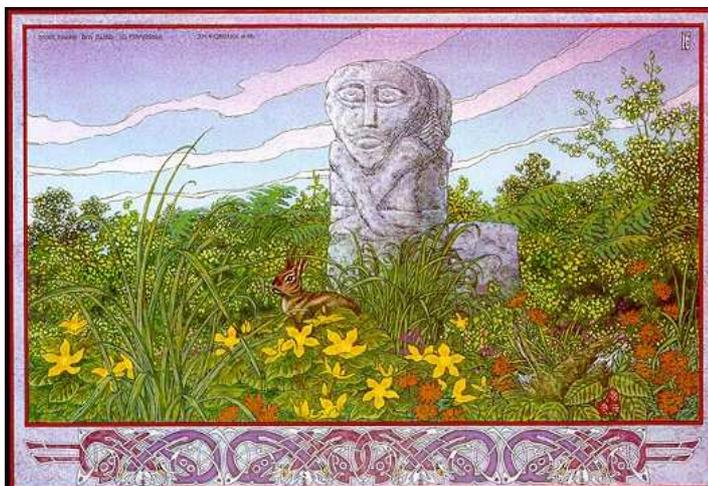


Figura 1: *Estela de pedra, Ilha de Boa (Lough Erne, condado de Fermanagh, Irlanda, século VII)*, Jim Fitzpatrick, 1986. <http://www.jimfitzpatrick.ie/gallery>

Nesta segunda edição especial da revista Brathair, apresentamos algumas pesquisas envolvendo questões relacionadas com a mitologia e a religiosidade nas sociedades pré-cristãs.

Em primeiro lugar, apresentamos o estudo *Óðinn: guia iconográfico*, do professor Dr. Régis Boyer (Universidade de Paris-XI-Sorbonne), um dos maiores especialistas em Escandinávia Medieval. Neste estudo, Boyer trata da estrutura morfológica da mais importante deidade da mitologia germânica, além de apresentar análises sobre a sua representação iconográfica da Idade Média até os tempos atuais. Compreender o significado do deus Óðinn é entender a própria religiosidade e o modo de vida dos guerreiros germânicos da Antiguidade até o período medieval.

Em seguida, apresentamos o artigo *Breves observações sobre a Edda em prosa*, da historiadora Dra. Patricia Pires Boulhosa. Em um denso artigo, Boulhosa analisa uma das mais importantes fontes para o estudo da mitologia germânica, o livro *Edda em prosa* do islandês Snorri Sturluson. Partindo dos pressupostos paleográficos, a autora discute as duas vertentes básicas tanto nas traduções quanto nas interpretações modernas do manuscrito original: a do grupo que pretende ver nele padrões míticos originais dos povos germânicos pré-cristãos e a do grupo que pretende discernir as interferências cristãs e clássicas na elaboração da obra. O artigo de Boulhosa tem um interesse especial não somente para os iniciantes nos estudos germânicos, mas também para todos aqueles que procuram atualizar-se com as mais recentes teorizações envolvendo manuscritos medievais.

O terceiro trabalho da revista é o artigo *O paganismo anglo-saxão: uma síntese crítica*, de autoria do professor Dr. Ciro Flamarion Cardoso (UFF). Com ampla experiência nos estudos teóricos em História das religiões, Cardoso apresenta sua postura metodológica para o exame das fontes germânicas, especialmente as anglo-saxônicas. Partindo do entendimento das religiões como “ideologias historicamente orgânicas”, criadas por Antonio Gramsci, o professor Ciro Cardoso apresenta um bem atualizado quadro das investigações acadêmicas britânicas sobre paganismo, utilizando dados toponímicos, arqueológicos, etimológicos e fontes literárias como os escritos de Beda. Além de ser um instrumento extremamente importante para os futuros estudos, o artigo de Ciro Cardoso permite reflexões profundas sobre a relação entre a ideologia política com as formas simbólico-míticas das sociedades, especialmente das pré-cristãs, onde as religiosidades não constituíam um sistema social à parte das instituições (como no do mundo moderno).

O historiador Eduardo Fabbro é autor do quarto artigo, *Sonhos e visões: a cultura popular germânica pela luz dos Nibelungos*. Utilizando como fontes as narrativas literárias do *Nibelungenlied* e da *Völsunga Saga*, Fabbro examina a interação entre as práticas da cultura popular e a erudita, abordando o tema do fantástico visionário e alguns simbolismos relacionados ao futuro. Desta maneira, algumas práticas religiosas dos germanos são recuperadas neste estudo, demonstrando a potencialidade no estudo das fontes literárias medievais.

O quinto trabalho é de autoria do professor Dr. Johnni Langer (UNC), intitulado *Guerreiras de Óðinn: as valquyrjor na mitologia Viking*. O artigo examina as origens, morfologias e significados de um dos mitos germânicos mais populares de todos os tempos. O autor observa a relação intrínseca existente entre os símbolos religiosos e a ideologia social, refletindo padrões de legitimação da ordem política da sociedade escandinava durante a Idade Média.

O prof. Dr. João Lupi (UFSC) participa com um artigo sobre os druidas. Grande parte do que foi escrito sobre os sacerdotes da cultura Celta desde o século XVI foi fantasioso. A proposta de Lupi é uma revisão dos textos clássicos, contrapondo-os com estudos acadêmicos recentes para estabelecer ao menos dois elementos iniciais de interpretação: a organização dos druidas e sua sabedoria no que toca ao conhecimento da natureza. Sem dúvida, uma grande contribuição teórica para um tema praticamente sem estudos traduzidos no Brasil.

O último artigo é de autoria do prof. Dr. Moisés Romanazzi (UFSJ), que estuda a transformação das ideologias germânicas acerca do poder e sua integração nas doutrinas e vivências latinas e cristãs. Analisando as idéias orientais sobre o poder divino dos reis e imperadores mostra como elas se padronizaram no Ocidente e de que modo configuraram o Sacro Império Romano Germânico.

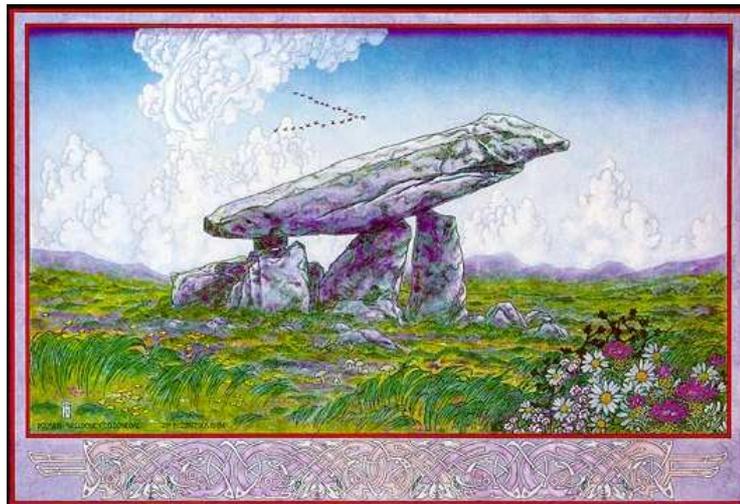


Figura 2: Dólmen de Kilcooney, Irlanda. Jim Fitzpatrick, 1986. <http://www.jimfitzpatrick.ie/gallery>

Na seção de resenhas, o número contou com três participações, uma tradução para o português e dois lançamentos, um em língua inglesa e outro em francês.

A primeira resenha é uma análise da clássica obra de D'Arbois Jubainville, *Os Druidas. Os Deuses Celtas com Formas de Animais*, resenhada pela profa. Ms. Luciana de Campos (UNESP/FAFI). Numa obra imprescindível para o entendimento do funcionamento da sociedade celta e da sua religião, Jubainville faz um percurso histórico acerca da classe sacerdotal dos Druidas, apontando a suas funções e sua importância para o aprendizado da magia, arte, composição e da história do povo celta.

A próxima resenha é o livro *Nine worlds of Seid-Magic: ecstasy and neo-shamanism in North European paganism*, da antropóloga norte-americana Jenny Blain, resenhado pelo prof. Dr. Johnni Langer (UNC). Blain publicou uma obra fundamental para o estudo da mais importante prática mágica na Escandinávia da Era Viking, o *Seidr*. Estudando esta magia, além dos aspectos religiosos e míticos, podemos conhecer melhor as disputas ideológicas existentes nas diversas classes sociais dos nórdicos e suas relações com aspectos relacionados a gênero e papéis sexuais.

Por último, uma resenha da pesquisadora Ms. Adriene Baron Tacla sobre o livro *Territoires Celtiques - Espaces ethniques des agglomérations protohistoriques d'Europe occidentale*, organizado por D. Garcia e F. Verdin. A obra discute a questão da interação humana com o ambiente geográfico nas sociedades pré-históricas da Europa ocidental, reunindo especialistas de várias nacionalidade européias. O livro além do estudo temático dos povos de origem céltica, também evidencia algumas das atuais

abordagens teóricas da arqueologia, como o tradicional estruturalismo, o processualismo e os métodos pós-processuais. O confronto entre os tradicionais métodos explicativos e a sedução das novas possibilidades de análise.

Temos convicção que o público apreciará os trabalhos desta edição especial da revista Brathair. É o resultado do esforço de uma geração de pesquisadores e de novos temas de pesquisa, que certamente criarão muitas possibilidades de expansão para o estudo das culturas célticas e germânicas em nosso país.

Céad mille failté! (Gaélico irlandês: Cem mil felicidades!).

Vestu Heilar Óðinn ok ginn-heilog goð! (Nórdico antigo: Salve Odin e todos os mais sagrados deuses!).